

5 Motivos Para *Não* Acompanhar a "Unidade-de-Não-Ação" do Movimento dos Trabalhadores do Colégio Pedro II

"Quantos defeitos que foram sanados com o tempo era o melhor que havia em você ..."
(Oswaldo Montenegro)

Por Sérgio F. Lima¹ - oigreslima@gmail.com

Resumo pra quem tem preguiça de ler textos longos

Há muito que o chamado "Movimento dos Trabalhadores da Educação" **sofisma** que a greve é uma forma adequada de luta (para os Trabalhadores da Educação), que a greve mobiliza os trabalhadores da educação, que a greve pressiona o governo, que a greve é nossa única forma de luta, etc... Mas vejamos os fatos: a atividade de rua do dia 01/06/2006 tinha apenas uns **80 gatos pingados (alunos não foram contabilizados por motivos óbvios!) em cerca de 1500 trabalhadores em greve**; é uma regra deplorável que, encerrada a votação greve x não greve, 80% da plenária abandona sistematicamente a assembléia dos servidores (independente do resultado da votação); é fato que, nos últimos 5 anos, os comandos de mobilização ou de greve nunca passam de 50 pessoas em 1500 grevistas, a despeito da maioria dos servidores **cumprirem a greve** em casa ou em escalas no local de trabalho. É fato que, ao longo dos últimos 10 anos, as greves duram cada vez mais para obter cada vez menos (hoje se faz greve para se cumprir acordos da greve!), etc...

Tendo em vista que os objetivos do movimento foram atendidos: Cumprimento do acordo em relação aos docentes e envio de medidas provisórias em relação ao acordo com os técnicos administrativos...

Entendo que continuar "**parado em casa**" não mobiliza, não pressiona Governo e, pior de tudo, não defende a mítica Escola Pública de Qualidade... a "greve em casa" da maioria dos servidores só reforça a ***ética do não trabalhar***...

Tendo tudo isto em vista, eu elenco abaixo, 5 motivos que me levaram a retornar às minhas atividades docentes (em **06/06/2006**) a despeito da decisão da Assembléia dos Servidores de continuar em greve!

Texto longo pra quem já descobriu que o mundo real é complexo

Os Motivos:

Motivo 1: O principal motivo da greve de 2006 era o cumprimento do acordo de 2005 para docentes e técnicos-administrativos. A medida provisória MP 295² atende a esta reivindicação. É notório também que em nenhum momento o governo afirmou que não cumpriria o acordo assinado, ainda que não o tivesse implementado. E, a bem da verdade, é necessário que se diga que no acordo assinado entre Sinasefe e MEC (vide versão disponível no sítio do sinasefe³) não há uma data definida para o cumprimento dos 12% de reajustes (sic) dos docentes! Há apenas a exigência que seja em 2006!

Portanto, retornar ao trabalho não impede ou enfraquece nenhuma negociação dos trabalhadores da educação frente ao Governo atual.

Motivo 2: A lógica de qualquer movimento social organizado e consistente, é primeiro organizar o movimento e somente depois atuar sistematicamente na construção dos seus objetivos. No Colégio Pedro II, há uma inversão desta premissa básica! Primeiro se entra em greve só depois se discute os seguintes fatos: Servidores assinam ponto, servidores somem da escola, servidores acompanham o movimento pelo telefone, servidores não participam das atividades do movimento, servidores não conhecem a pauta de reivindicação, etc...

A despeito disto, se insiste na greve como **única forma de luta**, mesmo não existindo traços de organização ou consciência da necessidade de ação. Ao contrário, a regra é a apatia política dos servidores da educação! Insistir nesta "**greve em casa**" da maioria dos servidores do Colégio Pedro II é colaborar pelo esvaziamento/distanciamento crescente dos trabalhadores das suas entidades de classe.

Todos estes fatos ocorrem a **despeito do enorme esforço** daqueles que militam em direções de entidades e/ou comandos de mobilização! Estes fatos são sintomas de diversos fatores que não são simples de serem analisados e/ou resolvidos. Nem são o objeto de análise deste documento!

Motivo 3: Na assembléia do dia **05/06/2006** foi afirmado por um dirigente nacional do sinasefe que não é responsabilidade do movimento se vários servidores fazem greve com assinatura de ponto e escala de trabalho. Afirma ainda, que a responsabilidade é das direções de unidades! Como um movimento

¹ Prof. Física por Concurso Público de Provas e Títulos desde 1996 – Filiado a ADCPII, SINDSCOPE e Sinpro-Rio

² <http://www.sinasefe.org.br/mp295.pdf>

³ http://www.sinasefe.org.br/termo_acordo_versao_final.doc

se diz organizado, se os problemas éticos do movimento não são de sua responsabilidade? Permanecer nesta “**unidade de não ação**” é concordar com esta lógica autista! O que há de ruim no movimento não é responsabilidade do movimento!

Motivo 4: A suspensão das atividades docentes e administrativas da escola, não produz pressão econômica sobre o governo. A possibilidade de pressão política está fortemente ligada a **participação em massa dos trabalhadores na greve**. Caso os trabalhadores não participem massivamente “da luta”, a pressão política só passa a ocorrer **por efeito indireto**: Criar transtorno a terceiros, na mesma lógica dos movimentos que usam reféns!

Essa tese (“lógica dos reféns”) encontra evidências experimentais na história do Colégio Pedro II. Em 1998, a greve no Colégio Pedro II e demais servidores da educação fora manchete de capa de jornais de grande circulação devido as criativas e participativas atividades de rua (Mais de 500 servidores na rua!). De lá pra cá, cada vez menos as atividades tem apelo midiático. Cada vez mais o número de servidores nas atividades de rua é menor. Cada vez mais a greve se torna mais longa. No nosso caso particular, alcançou o alarmante período de mais de 100 dias em 2001, com escola vazia e pouquíssima participação dos servidores em atividades de rua (como se vê ainda hoje!), a despeito dos esforços dos dirigentes sindicais e/ou comandos de mobilização!

Participar da greve, nos moldes como ela se desenrola atualmente, é ser cúmplice desta **ética do não trabalho**, que aparentemente contagiou a **esmagadora maioria dos trabalhadores do Colégio Pedro II** !

Por que eu acho que a “ética do não trabalho” é a tônica? Porque toda proposição que implique em **não fazer nada (parar as atividades)** tem forte adesão. Qualquer proposição que **implique o menor esforço**, é solenemente ignorada!. Quantos servidores estão hoje parados no Pedrão? Uns 1500! Quantos servidores participam da organização da greve que eles defendem e votam? Menos de 50! Quantos servidores participam das atividades de rua? Menos de 50! Quantos servidores participam de alguma discussão sistemática no local de trabalho? Menos de 50!

Pra quem não acredita na greve como forma de luta eficiente e adequada para os trabalhadores da educação, só resta duas opções: Acompanhar as decisões da Assembléia em nome da “unidade de (não) ação”, ou buscar outras alternativas! Estou partindo para a busca de alternativas!

Voltar hoje (06/06/2006) ao trabalho, no Colégio Pedro II, **não é abandonar a luta dos trabalhadores**. É buscar formas alternativas de participação no movimento do trabalhadores da educação!

Contem comigo para **discussões e ações sistemáticas no local de trabalho (sem prejuízo do mesmo)**. Não contem comigo para lhe fazer companhia na sua "greve em casa".

Contem comigo para discussões qualificadas e profundas sobre a organização dos trabalhadores, via TICs (Tecnologias de Comunicação e Informação) ou em encontros presenciais.

Mas não contem comigo no **arremedo de discussão** de quem considera 3 minutos a cada assembléia sem direito a tréplica como “espaço democrático de discussão”.

Estar na luta **implica sacrifício pessoal!** Não contem comigo para ficar parado em casa, contem comigo para atividades midiáticas e de massa na rua, para alfabetizar/incluir digitalmente os profissionais de educação para que usem as TICs como ferramentas de organização e ação.

Motivo 5: Dizer que os efeitos nocivos e irreparáveis de longas e repetidas paradas em educação não são culpa do movimento (e sim dos governos e etc...) e por isso não nos dizem respeito, inaugura um novo patamar de **autismo sindical**. Então paramos (por não pensarmos em alternativas de luta e resistência), provocamos danos aos nossos alunos e simplesmente declaramos que o problema não é nosso?

Não, não contem comigo para ser **cúmplice deste cinismo social!**

O que ? Quais as alternativas à greve ? Eu tenho algumas idéias, mas parar de lecionar para ficar sem fazer nada “em casa” não é uma delas! Quem sabe discussões sistemáticas (assíncronas⁴ e síncronas⁵) não possa ampliar nossos horizontes?

4 - Via listas de discussões ou fóruns na web!

5 - Via reuniões sistemáticas, preferencialmente por local de trabalho!